



LABOR TODAY EL TRABAJO DIARIO



Bilingual Publication (Publicación Bilingüe) of Labor United for Class Struggle

**CLASS ORIENTED • UNITING • DEMOCRATIC • INDEPENDENT • MODERN • INTERNATIONAL
CLASISTA • UNITARIA • DEMOCRÁTICA • INDEPENDIENTE • MODERNA • INTERNACIONAL**

Post Office Box 93116, Los Angeles, CA, 90093 • www.labortoday.us

AN INJURY TO ONE IS AN INJURY TO ALL!

¡UNA HERIDA PARA UNO ES UNA HERIDA PARA TODOS!



**ENGLISH ~ ESPAÑOL ~ PORTUGUÊS ~
FRANÇAIS ~ ITALIANO**

ENGLISH

***Calls for a mass mobilization against
the vaccine market and speculation in place***

Nothing like a pandemic shows whether an economic and political system is working or is completely wrong. Nothing like a pandemic shows which interests are at the heart of that system, whether those of a few powerful people or those of the entire population.

After a year, millions of deaths around the world and measures put in place by the so-called "advanced capitalism" countries totally inadequate to stop and manage the pandemic, the story of vaccines is showing unequivocally the nature of this society and the economic system on which it stands.

Here in the neo-liberal West, it was all about "living with the virus" so that private companies could continue to make money. Always, with any levels of infections, with any number of deaths. Here all hopes of stopping the pandemic had been entrusted to vaccines, never as this time sought and found quickly, with colossal investments, especially public (only Modern has received more than 4 billion dollars from the Trump administration). Once again the pandemic highlights the interests and speculations of multinationals. The vaccine is not intended to save the population but is intended as the only tool for the resumption of production.

Those who pay more for the doses get them sooner, and to the extent promised. The others see their supplies reduced, even if they have paid in advance. Every country suspects that others have been privileged, even within the European Union. No solidarity, no common front. We see it with Astrazeneca - Anglo-Swedish company - that cuts 60% of supplies to EU countries before seeing its vaccine recognized by the EMA. We see it with Pfizer, U.S. company, which at the arrival of Biden has been pressed to increase the immediate stock to be allocated to the U.S., even at the expense of other "customers". Strong of the clauses granted in the contracts to the multinationals of Big Pharma.

An economic and power tarantella that constantly jeopardizes the vaccination campaign especially in countries that can not play the economic upside.

If humanity wants to survive it must be able to find and manufacture vaccines, and all according to a plan and size sufficient to cure everyone. By public choice, without waiting for some multinational to grace us.

In 1952 Salk did not patent his polio vaccine to allow it to spread quickly. To the reporter who asked him "who does the patent belong to?", he replied "to the people!".

For this reason, *on February 12th in Rome we will be in front of AIFA headquarters from 4 p.m.* We invite everyone to organize widespread mobilizations throughout the country and work together to build a day of national mobilization.

For vaccines to be free and available to the entire world population must be allowed to each state to produce it independently by nationalizing the pharmaceutical companies.

IF THE VACCINE IS TO SAVE THE HUMANITY,
THE PATENT MUST BE OF THE PEOPLES.



EN ESPAÑOL

Pide una movilización masiva contra el mercado de las vacunas y la especulación en el lugar

Nada como una pandemia muestra si un sistema económico y político funciona o está completamente equivocado. Nada como una pandemia muestra qué intereses están en el centro de ese sistema, si los de unos pocos poderosos o los de toda la población.

Después de un año, de millones de muertos en todo el mundo y de que las medidas puestas en marcha por los países del llamado "capitalismo avanzado" sean totalmente inadecuadas para detener y gestionar la pandemia, la historia de las vacunas está mostrando de forma inequívoca la naturaleza de esta sociedad y del sistema económico sobre el que se sustenta.

Aquí, en el Occidente neoliberal, se trataba de "vivir con el virus" para que las empresas privadas pudieran seguir ganando dinero. Siempre, con cualquier

nivel de infecciones, con cualquier número de muertes. Aquí todas las esperanzas de detener la pandemia se habían confiado a las vacunas, nunca como esta vez buscadas y encontradas rápidamente, con inversiones colosales, sobre todo públicas (sólo Modern ha recibido más de 4.000 millones de dólares de la administración Trump). Una vez más la pandemia pone en evidencia los intereses y especulaciones de las multinacionales. La vacuna no está destinada a salvar a la población, sino que pretende ser la única herramienta para la reanudación de la producción.

Los que pagan más por las dosis las obtienen antes, y en la medida prometida. Los demás ven reducidos sus suministros, aunque hayan pagado por adelantado. Todos los países sospechan que los demás han sido privilegiados, incluso dentro de la Unión Europea. No hay solidaridad, ni frente común. Lo vemos con Astrazeneca -empresa anglosueca- que corta el 60% de los suministros a los países de la UE antes de ver su vacuna reconocida por la EMA. Lo vemos con Pfizer, empresa estadounidense, que a la llegada de Biden se ha visto presionada para aumentar el stock inmediato que se destinará a los Estados Unidos, incluso a costa de otros "clientes". Fuerte de las cláusulas concedidas en los contratos a las multinacionales de Big Pharma.

Una tarantela económica y de poder que pone constantemente en peligro la campaña de vacunación sobre todo en los países que no pueden jugar la baza económica.

Si la humanidad quiere sobrevivir debe ser capaz de encontrar y fabricar vacunas, y todo ello según un plan y tamaño suficiente para curar a todo el mundo. Por elección pública, sin esperar a que alguna multinacional nos haga la gracia.

En 1952 Salk no patentó su vacuna contra la poliomielitis para permitir su rápida difusión. Al periodista que le preguntó "¿a quién pertenece la patente?", respondió "¡al pueblo!".

Por esta razón, el 12 de febrero en Roma estaremos frente a la sede de la AIFA a partir de las 16 horas. Invitamos a todos a organizar movilizaciones

generalizadas en todo el país y a trabajar juntos para construir una jornada de movilización nacional.

Para que las vacunas sean gratuitas y estén a disposición de toda la población mundial hay que permitir que cada estado las produzca de forma independiente nacionalizando las empresas farmacéuticas.

SI LA VACUNA ES PARA SALVAR A LA HUMANIDAD

LA PATENTE DEBE SER DE LOS PUEBLOS.



PORTUGUESE

*Chamadas para uma mobilização
maciça contra o mercado de vacinas
e especulação no local*

Nada como uma pandemia mostra se um sistema econômico e político funciona ou se está completamente errado. Nada como uma pandemia mostra cujos interesses estão no coração desse sistema, sejam os de uns poucos poderosos ou os de toda a população.

Após um ano, após milhões de mortes em todo o mundo e após as medidas implementadas pelos países do chamado "capitalismo avançado" serem totalmente inadequadas para deter e administrar a pandemia, a história das vacinas está mostrando inequivocamente a natureza desta sociedade e do sistema econômico no qual ela se baseia.

Aqui, no Ocidente neoliberal, era tudo uma questão de "viver com o vírus" para que as empresas privadas pudessem continuar a ganhar dinheiro. Sempre, com qualquer nível de infecções, com qualquer número de mortes. Aqui todas as esperanças de deter a pandemia tinham sido confiadas às vacinas, nunca como desta vez buscaram e encontraram rapidamente, com investimentos colossais, especialmente públicos (só os modernos receberam mais de 4 bilhões de dólares da administração Trump). Mais uma vez, a pandemia destaca os interesses e

especulações das multinacionais. A vacina não se destina a salvar a população, mas pretende ser a única ferramenta para a retomada da produção.

Os que pagam mais pelas doses recebem-nas mais cedo, e no valor prometido. Os outros vêem seus suprimentos reduzidos, mesmo que tenham pago antecipadamente. Todos os países suspeitam que os outros têm sido privilegiados, mesmo dentro da União Européia. Não há solidariedade, não há frente comum. Vemos isso com a Astrazeneca - uma empresa anglo-sueca - que corta 60% dos suprimentos para países da UE antes de ver sua vacina reconhecida pela EMA. Vemos isso com a Pfizer, uma empresa americana, que na chegada da Biden foi pressionada a aumentar o estoque imediato a ser destinado aos Estados Unidos, mesmo às custas de outros "clientes". Forte das cláusulas concedidas nos contratos para as multinacionais da Big Pharma.

Uma tarantella econômica e de poder que coloca constantemente em risco a campanha de vacinação especialmente em países que não podem jogar a carta econômica.

Se a humanidade quer sobreviver, deve ser capaz de encontrar e fabricar vacinas, e tudo de acordo com um plano e tamanho suficientes para curar a todos. Por escolha do público, sem esperar que alguma multinacional nos faça a vontade.

Em 1952 Salk não patenteou sua vacina contra a poliomielite para permitir sua rápida disseminação. Ao jornalista que lhe perguntou "a quem pertence a patente?", ele respondeu "ao povo!

Por esta razão, no dia 12 de fevereiro em Roma estaremos em frente à sede da AIFA a partir das 16 horas. Convidamos todos a organizar mobilizações generalizadas em todo o país e a trabalhar juntos para construir um dia de mobilização nacional.

Para que as vacinas sejam gratuitas e disponíveis para toda a população mundial, cada estado deve ter permissão para produzi-las de forma independente, nacionalizando as empresas farmacêuticas.

SE A VACINA FOR PARA SALVAR A HUMANIDADE.

A PATENTE DEVE PERTENCER AO POVO.



FRANÇAIS

*Appelle à une mobilisation massive
contre le marché des vaccins et la
spéculation sur la place*

Rien de tel qu'une pandémie ne montre si un système économique et politique fonctionne ou s'il est complètement erroné. Rien de tel qu'une pandémie pour montrer quels sont les intérêts qui sont au cœur de ce système, qu'il s'agisse des intérêts de quelques puissants ou de ceux de l'ensemble de la population.

Après un an, après des millions de morts dans le monde et après que les mesures mises en place par les pays du soi-disant "capitalisme avancé" soient totalement inadéquates pour arrêter et gérer la pandémie, l'histoire des vaccins montre sans équivoque la nature de cette société et du système économique sur lequel elle repose.

Ici, dans l'Ouest néolibéral, il s'agissait de "vivre avec le virus" pour que les entreprises privées puissent continuer à gagner de l'argent. Toujours, quel que soit le niveau d'infection, quel que soit le nombre de décès. Ici, tous les espoirs d'arrêter la pandémie avaient été confiés aux vaccins, jamais comme cette fois-ci recherchés et trouvés rapidement, avec des investissements colossaux, surtout publics (Modern a reçu à lui seul plus de 4 milliards de dollars de l'administration Trump). Une fois de plus, la pandémie met en évidence les intérêts et les spéculations des multinationales. Le vaccin n'est pas destiné à sauver la population, mais à être le seul outil pour la reprise de la production.

Ceux qui paient plus cher les doses les reçoivent plus tôt, et dans la quantité promise. Les autres voient leur approvisionnement réduit, même s'ils ont payé d'avance. Tous les pays soupçonnent que les autres ont été privilégiés, même au sein de l'Union européenne. Il n'y a pas de solidarité, pas de front commun. On le voit avec Astrazeneca - une société anglo-suédoise - qui coupe 60 % des

fournitures aux pays de l'UE avant de voir son vaccin reconnu par l'EMA. On le voit avec Pfizer, une société américaine, qui, à l'arrivée de Biden, a subi des pressions pour augmenter le stock immédiat à destination des États-Unis, même au détriment d'autres "clients". Fort des clauses accordées dans les contrats aux multinationales de Big Pharma.

Une tarentelle économique et de pouvoir qui met constamment en péril la campagne de vaccination surtout dans les pays qui ne peuvent pas jouer la carte économique.

Si l'humanité veut survivre, elle doit être capable de trouver et de fabriquer des vaccins, et tout ça selon un plan et une taille suffisants pour guérir tout le monde. Par choix public, sans attendre qu'une multinationale nous fasse de l'humour.

En 1952, Salk n'a pas breveté son vaccin contre la polio pour permettre sa diffusion rapide. Au journaliste qui lui a demandé "à qui appartient le brevet", il a répondu "au peuple !

Pour cette raison, le 12 février à Rome, nous serons devant le siège de l'AIFA à partir de 16 heures. Nous invitons chacun à organiser des mobilisations de grande envergure dans tout le pays et à travailler ensemble pour construire une journée de mobilisation nationale.

Pour que les vaccins soient gratuits et accessibles à toute la population mondiale, il faut que chaque État puisse les produire de manière indépendante en nationalisant les entreprises pharmaceutiques.

SI LE VACCIN DOIT SAUVER L'HUMANITÉ.

LE BREVET DOIT APPARTENIR AU PEUPLE.



ITALIANO

Chiama una mobilitazione di massa contro il mercato dei vaccini e la speculazione sul posto

Nulla come una pandemia mostra se un sistema economico e politico funziona o è completamente sbagliato. Niente come una pandemia mostra quali interessi sono al centro di quel sistema, se quelli di pochi potenti o quelli dell'intera popolazione.

Dopo un anno, dopo milioni di morti in tutto il mondo e dopo che le misure messe in atto dai paesi del cosiddetto "capitalismo avanzato" sono totalmente inadeguate a fermare e gestire la pandemia, la storia dei vaccini sta mostrando inequivocabilmente la natura di questa società e del sistema economico su cui si basa.

Qui, nell'Occidente neoliberale, si trattava di "vivere con il virus" in modo che le aziende private potessero continuare a fare soldi. Sempre, con qualsiasi livello di infezioni, con qualsiasi numero di morti. Qui tutte le speranze di fermare la pandemia erano state affidate ai vaccini, mai come questa volta cercati e trovati rapidamente, con investimenti colossali, soprattutto pubblici (solo Moderna ha ricevuto più di 4 miliardi di dollari dall'amministrazione Trump). Ancora una volta la pandemia mette in evidenza gli interessi e le speculazioni delle multinazionali. Il vaccino non è destinato a salvare la popolazione, ma ad essere l'unico strumento per la ripresa della produzione.

Chi paga di più per le dosi le ottiene prima e nella quantità promessa. Gli altri vedono ridotti i loro rifornimenti, anche se hanno pagato in anticipo. Tutti i paesi sospettano che gli altri siano stati privilegiati, anche all'interno dell'Unione Europea. Non c'è solidarietà, non c'è un fronte comune. Lo vediamo con AstraZeneca - un'azienda anglo-svedese - che taglia il 60% delle forniture ai paesi dell'UE prima di vedere il suo vaccino riconosciuto dall'EMA. Lo vediamo con Pfizer, un'azienda americana, che all'arrivo di Biden ha subito pressioni per aumentare lo stock immediato da destinare agli Stati Uniti, anche a spese di altri "clienti". Forte delle clausole concesse nei contratti alle multinazionali di Big Pharma.

Una tarantella economica e di potere che mette costantemente in pericolo la campagna di vaccinazione soprattutto nei paesi che non possono giocare la carta economica.

Se l'umanità vuole sopravvivere deve essere in grado di trovare e fabbricare vaccini, e tutto secondo un piano e dimensioni sufficienti per curare tutti. Per scelta pubblica, senza aspettare che qualche multinazionale ci asseconi.

Nel 1952 Salk non brevettò il suo vaccino antipolio per permetterne la rapida diffusione. Al giornalista che gli chiese "a chi appartiene il brevetto?", rispose "al popolo!

Per questo motivo, *il 12 febbraio a Roma saremo davanti alla sede dell'AIFA dalle 16 in poi*. Invitiamo tutti a organizzare mobilitazioni diffuse in tutto il paese e a lavorare insieme per costruire una giornata di mobilitazione nazionale.

Affinché i vaccini siano gratuiti e disponibili per tutta la popolazione mondiale, ogni Stato deve essere autorizzato a produrli in modo indipendente, nazionalizzando le aziende farmaceutiche.

SE IL VACCINO È QUELLO DI SALVARE L'UMANITÀ.

IL BREVETTO DEVE APPARTENERE AL POPOLO.